

EDITORIAL

Poder, Estado e Marginalidade

**Clayton Barbosa Ferreira Filho | Gerson Pietta | Luiz Gustavo de Oliveira |
Wallas Jefferson de Lima***

Grande mola dos acontecimentos, o Poder, em seus mais variados aspectos (político, religioso, cultural, etc.), quase sempre buscou submeter os homens a seus ditames. Gerindo vidas, ele controlou, coagiu e oprimiu as ações humanas ao longo da História. Pretendeu a tudo julgar. Ao seu lado, como já enfatizado por Norbert Elias, o Estado surgiu e se consolidou como o responsável pela organização e controle social. Totalitário, também ele buscou impor regras. Todavia, ainda que sob um alto custo, as normas podem ser burladas. Frequentemente, e cada vez mais, os homens rebelam-se. Tornam-se transgressores, infratores, marginais. O número da Revista Tempo, Espaço e Linguagem que ora publicamos tem o propósito de refletir acerca dessas relações conflituosas. O tema de seu dossiê, Poder, Estado e Marginalidade, privilegia temas caros aos historiadores e foi edificado sobre novos paradigmas e múltiplos horizontes historiográficos.

Destaca-se, logo de início, a entrevista do Professor Doutor José D'Assunção Barros. O entrevistado apresenta sua trajetória de docente e pesquisador bem como expressa suas compreensões acerca da História, Teoria e Metodologia; rompe com os paradigmas tradicionais, uma vez que aponta uma série de novos elementos investigativos e nos oferta, com sutileza filosófica, um olhar de como fazer pesquisa na área da História.

O artigo “Perturbadores da ordem”: ciganos, mero caso de polícia?, de Cassi Ladi Reis Coutinho descreve, a par e passo de uma especialização temática, a situação do cigano dentro da sociedade brasileira. Revela também como os ciganos foram considerados indesejáveis por determinados setores da população brasileira, devido ao forte apego à sua cultura. A análise, centrada nesses aspectos, desemboca numa releitura desse tema relevante para a área da História.

“Todos são curandeiros”: saberes populares e curandeirismo nos processos-crime de Guarapuava (1940-1950), artigo de autoria de Leonara Forquim de Mattos e Beatriz Anselmo Olinto, destaca cinco processos-crime de curandeirismo, entre as décadas de 1940 e 1950, na Comarca de

*. Membros da Comissão Executiva da Revista e Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em História - UNICENTRO.

Guarapuava, no Paraná. Analisando estratégias e táticas dos agentes históricos, seus saberes, poderes e alianças, as autoras descobrem projetos, ousadias e trajetórias ideológicas cuja curvatura temporal revela como as ações humanas são permeadas por relações de poder. A Medicina tem aí uma importância capital.

Lorena Zomer assinala a efervescência literária das primeiras décadas do século XX e a importância de Leonor Castellano, escritora e feminista curitibana, para a consolidação do Centro de Letras do Paraná. Seu artigo, Centro de Letras: efervescência literária em tempos de formação da identidade regional durante a República – algumas relações com Leonor Castellano, permite uma visão global do contexto literário em que o Paraná estava mergulhado naquele período. Assinala, acima de tudo, a complexidade de uma História que tem muito a revelar acerca das práticas de leitura e circulação do texto escrito que consolidaram as mais variadas posições político-culturais.

Compõe este número, ainda, o artigo de Marisete de Mattos Moraes, Educação Feminina: trajetória das irmãs salesianas em São Luiz Gonzaga. A autora explica de que forma a consolidação das freiras da Congregação Salesiana, numa pequena cidade do Rio Grande do Sul, alterou de maneira significativa a educação religiosa feminina naquele espaço. O artigo constitui, de fato, uma reflexão interessante acerca do fenômeno religioso nas práticas educativas.

Igualmente relevante é o artigo de Rafael Mehret e Fernanda Borges Gebeluka, Um passeio pelas ruas de Ponta Grossa: décadas de 1980 - 2000, um olhar sobre arte marginal. Traz aspectos relevantes acerca do conceito de pichação, considerada arte marginal, e traça um perfil social de seus praticantes na cidade de Ponta Grossa. Para seus autores, esta prática social precisa ser interpretada, antes de tudo, pelo seu viés político e cultural, devendo ser estudada como uma das muitas formas de lutas que o homem encontrou pelo direito à livre expressão.

Finaliza a revista com o ensaio de Rildson Alves dos Santos Grunow, Estado laico e Religião oficial diante da “tolerância” clerical à folia popular, que discute o conceito de laicidade do Estado, assunto muito dinâmico e que revela os diferentes significados atribuídos aos historiadores ao campo religioso. Com efeito, destaca formas de resistência que a religiosidade popular encontrou para fazer frente às tentativas repressivas da Religião Oficial.

Cumpramos ressaltar que este número de Tempo, Espaço e Linguagem possui apenas uma ambição: realizar uma profunda reflexão, plural e de ordem metodológica, que traga novos olhares aos estudos históricos. Seu teor é permeado por diferentes ideias que refletem, de maneira indireta, a diversidade de posições teórico-conceituais dos seus autores. Suas páginas contêm uma singularidade que cabe apenas ao leitor julgá-la.
